



DIETA DE LONTRAS E AÇÕES ANTRÓPICAS

Lênim Faber-Lopes¹; Daniely de Cássia Deliberali²; Igor Basilio Silva³

¹ PPG - Biodiversidade e Conservação da Natureza - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF);

² Msc. em Solos e Nutrição de Plantas-UFV

³ Laboratório de Ecologia Florestal (LEF) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

^{1, 2, 3} ONG Reflorestamento e Ecodesenvolvimento da Bacia Hidrográfica do Rio Itabapoana (REDI).

INTRODUÇÃO

As lontras (*Lontra longicaudis*) são carnívoros semi-aquáticos, cuja dieta é constituída de peixes e crustáceos, ocupando o topo da cadeia alimentar dos ecossistemas aquáticos do Sudeste brasileiro (DUPLAIX; SAVAGE, 2018).

O mal uso e ocupação do solo, reduz a quantidade e a qualidade das águas, causando distúrbios nestes ecossistemas que podem ser percebidos quando analisamos a dieta destes animais e associamos às características da paisagem (DUPLAIX; SAVAGE, 2018).

Portanto, apontamos os fatores antrópicos que permearam pesquisas com dieta das lontras em córrego intermitente juntamente à ausência de práticas em conservação da água e implementação do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica do Município em questão.

METODOLOGIA

Os dados consistem em registros fotográficos, contextualização da paisagem por imagens de satélite; associando-os aos trabalhos realizados anteriormente no córrego Bom Jardim envolvendo a ecologia das lontras (LOPES; THOMÉ, 2017; FABER-LOPES et al., 2020)

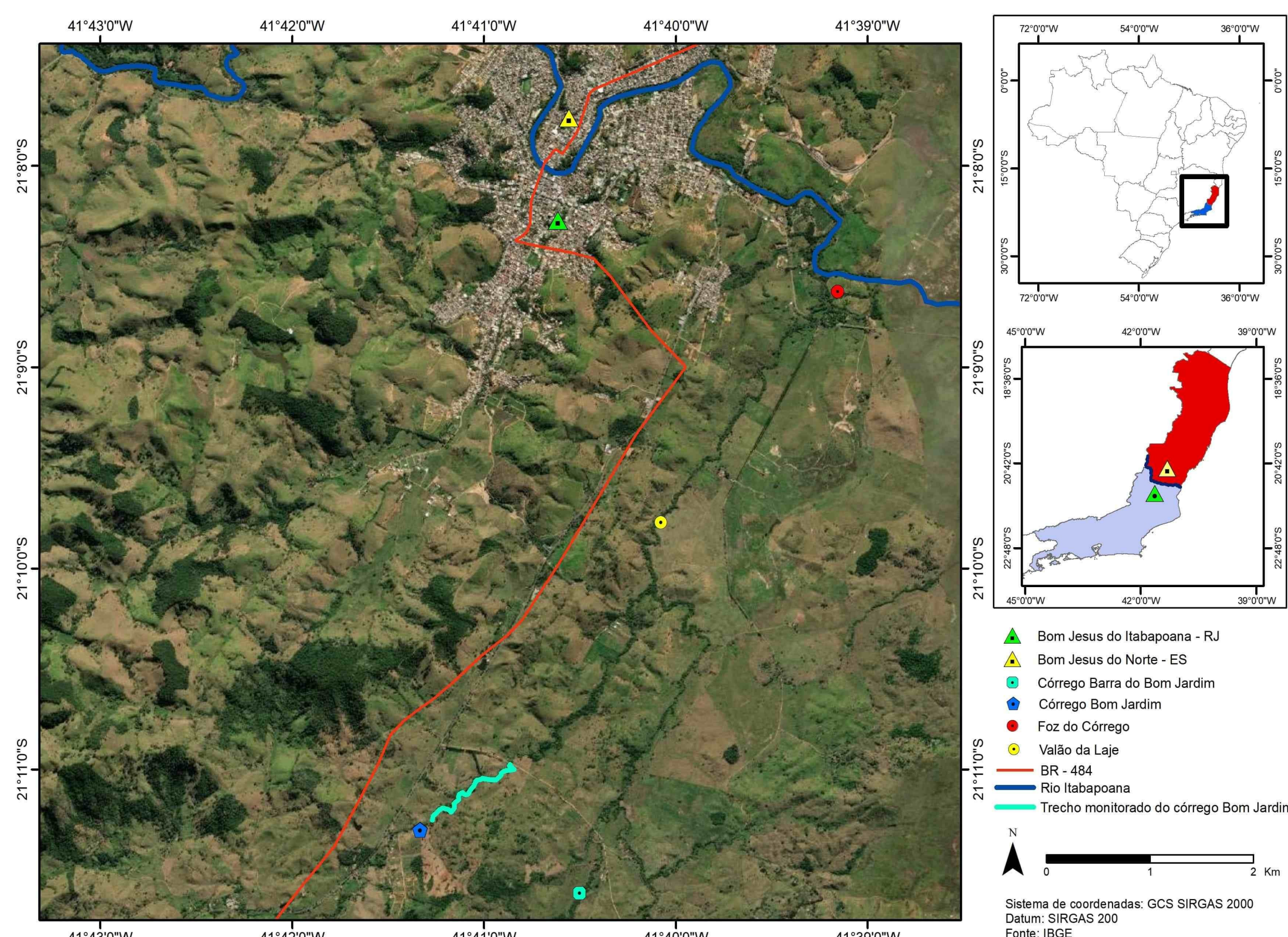


FIGURA 1 - Mapa da localização e contextualização paisagística do córrego.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram observados uma matriz pastoril com ausência de proteção das margens, permitindo um intenso pisoteamento dos taludes pelo gado, acelerando os processos erosivos e impossibilitando a regeneração natural das APP's de margem.



FIGURA 2 – A- Leito do córrego Bom Jardim sem água corrente, ladeado por bancos de areia resultantes de assoreamento (a foice fincada no leito possui 1,60 m); B, C- gado pisoteando leito e talude da margem para beberem água; D- Indivíduo de Lontra escavando banco de areia no leito do córrego Bom Jardim para se alimentar.

Este visível assoreamento, causa distúrbios nos ecossistemas aquáticos, refletindo direta e indiretamente na dieta das lontras (LOPES; THOMÉ, 2017), sendo corroborado por estudos mais aprofundados de Faber-Lopes et al. (2020), que obtiveram resultados sobre a composição anual das presas consumidas pelas lontras, com 58% de grupos considerados alternativos (anfíbios, insetos, répteis, aves, mamíferos, moluscos) aos peixes (35,28 %) e crustáceos (6,78%).

CONCLUSÃO

Os distúrbios na dieta das lontras, revelam a ausência de implementações de práticas para conservação das águas na paisagem. Não são observadas as práticas previstas para esta microbacia classificada como prioritária. Portanto, ações de cercamento protetivo das APP's e conservação dos brejos da microbacia sejam executadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUPLAIX, N.; Savage, M. IUCN/SSC Otter Specialist Group. The Global Otter Conservation Strategy. Salem, Oregon, USA, p. 166, 2018.
- FABER-LOPES, L.; Thomé, M. P. M.; Silva, I. B. Resiliência de *Lontra longicaudis* (Olfers 1818) Carnívora-Mustelidae em Agroecossistema Convencional do Sudeste Brasileiro. Online, Anais do I Congresso Internacional de Ecologia Online, 2021.
- LOPES, L. F.; Thomé, M. P. M. Fauna associada à córrego intermitente em área degradada por pastagem do Noroeste Fluminense. Três Rios-RJ, Anais do 6º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade, p. 138-145, 2017.